

TARRYN FISHER

STALKER

QUANDO A INVEJA SE TORNA UMA OBSESSÃO

ELA NÃO QUER SER IGUAL A VOCÊ. ELA QUER A SUA VIDA.

STALKER

TARRYN FISHER

STALKER

Tradução:

Elenice Barbosa de Araujo



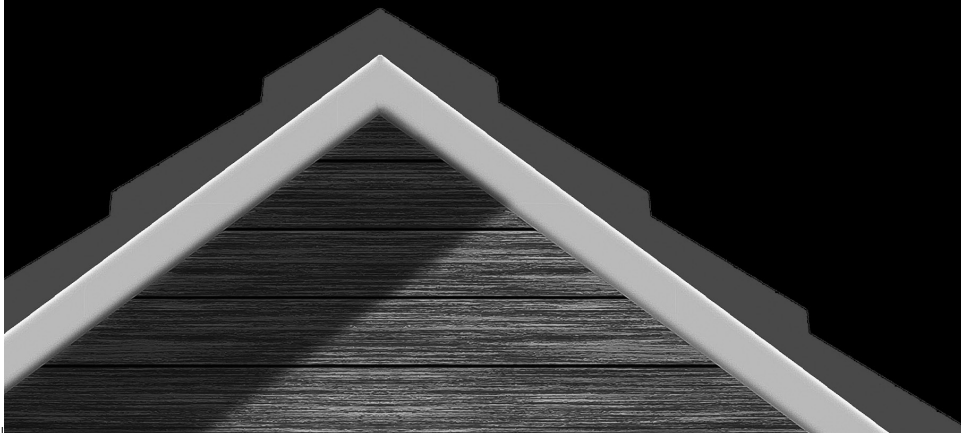
Para Amy Holloway
#estoucomvocê

*Nada mais ardiloso e irremediavelmente mau que o coração.
Quem o poderá compreender?*

Jeremias 17:9

PARTE UM

A PSICOPATA



MÃE DESNATURADA

Ver você conseguir as coisas sem merecer, e ainda por cima se esbaldar com elas, é um horror. Isso me revolta. Quem deveria tê-las sou eu, pois mereço muito mais que você. Na verdade, eu poderia ser uma versão sua melhorada. Sou todas as mulheres; tenho todas dentro de mim.

O CABELO DELA ERA LOIRO. QUANDO O VENTO SOPROU, ELE ficou todo esvoaçante, criando uma aura dourada que emoldurou o rosto da garotinha, feito cabelo de milho. O meu cabelo na certa era assim também, quando eu era pequena. Não tenho como saber, pois a minha mãe vivia trabalhando, sempre ocupada demais pra tirar fotos de mim. Meu Deus, pra que ter filhos se não tem tempo de fotografá-los, não é mesmo? Cada dia, um problema diferente. Bem, a verdade é que a minha mãe é uma filha da puta.

Peguei o celular e fotografei a menininha correndo, a cabeleira esvoaçando. O tipo de foto que a gente manda ampliar e emoldurar. Meus olhos se encheram do mais puro encantamento.

Assim que a vi, acordei de um longo sono, os ossos estalando, o coração batendo forte, revigorado. Fechei os olhos e agradei ao universo por tamanha bênção. Então, tornei a erguer o celular e tirei outra foto dela, porque eu não serei uma droga de mãe.

Era ela. Eu tinha certeza. Tudo o que eu queria, meu maior desejo. Fiquei paralisada olhando a menina ir até um carro com uma morena alta. Seria a mãe? Ou quem sabe a babá...

Não havia semelhanças entre as duas, exceto pelo castanho dos olhos. Mas então ouvi a garotinha chamá-la de mamãe e estremei... murchei... morri. *Ela não é quem você pensa que é, gatinha.*

Eu as segui desde o parque até em casa no meu Ford Escape branco, tinnindo, recém-lavado — discreto feito uma espinha inflamada na testa. Temi chamar a atenção e com isso fazer com que a mãe notasse que estava sendo seguida. Eu faço suposições demais, sabe? Minha mente é feito um computador com milhares de janelas abertas ao mesmo tempo. Tenho uma inteligência superior, é por isso. Gente muito inteligente pensa o tempo todo, a cabeça está sempre tomada por pensamentos brilhantes.

Procurei me acalmar ativando a minha aba da razão — muitas mães não notam as coisas, não as coisas certas. Elas vivem muito ocupadas, concentradas demais nos filhos: se o rosto deles está limpo; se não estão colocando germes demais na boca; se conseguem dizer o alfabeto. Pode-se afirmar que elas vivem acomodadas na bolha da vida moderna. No passado, as mães tinham medo de tudo: disenteria, gripe, catapora, pólio. Agora, tudo com que se preocupam é conferir na embalagem de suco se o teor de frutose do xarope de milho não é excessivo para seus filhos. Ora, era só o que faltava, não? Todo o mundo se exalta por coisas sem importância. Acorde, você está sendo seguida até em casa por uma estranha num utilitário branco impecável, insuspeito; acorde, você está criando uma narcisista; acorde, você vai notar que em vinte anos sua filha a odiará porque você não soube impor os devidos limites.

Elas pararam para abastecer; assim, dei a volta no quarteirão e fiquei esperando num estacionamento vizinho, pronta pra dar a partida a qualquer momento. Um mendigo bateu no meu vidro, enquanto eu vigiava o carro delas. Como estava de bom humor e queria que ele fosse embora, dei-lhe um dólar. Era possível enxergar a mãe de onde eu me encontrava. Ela colocou a mangueira de gasolina de volta na bomba, o cabelo encobrindo o rosto, e foi até o lado do motorista. Liberei a alavanca do câmbio, e partimos juntas.

Eu queria checar o cabelo do pai, contando que existisse um, é claro. Hoje em dia vale tudo em matéria de ter filhos: junte dois homens ou duas mulheres e dê-lhes uma criança. Está tudo mudado. Não que eu seja homofóbica ou coisa parecida, mas acho injusto darem filhos para os gays e pra mim não.

O carro delas estacionou na entrada de uma casa e eu parei em frente, sob a sombra de uma cerejeira carregada de botões graúdos cor-de-rosa. Era a estação do ano em que o mundo se enfeitava e ficava cheio de vida, o anúncio de uma porção de novidades, depois de um inverno rigoroso. Exceto eu. Fiquei olhando os botões florescendo, ciente de estar num vazio sem vida, mas não de fato por minha culpa. Humanos eram sanguessugas, desertores. Eu me sentia sozinha e isolada, porque não havia ninguém como eu. As pessoas diziam “Procure a sua tribo”. Mas qual era a minha tribo e onde ela estaria? Seriam as garotas de cidade pequena que tinham crescido comigo? Não. As mulheres do escritório onde consegui meu primeiro emprego? Deus me livre. Desde bem cedo me conformei que viveria sozinha. Brincava com amigos que só eu enxergava e, já adulta, a maioria dos meus relacionamentos era virtual.

Observei a mãe soltar o cinto da menina, que dormia, tirá-la da cadeirinha do carro e pegá-la de lado no colo. Senti uma ponta de ciúme e, quando a cabecinha dela pendeu pra fora do ombro, tive vontade de sair correndo e... E o quê? Ajeitá-la? Pegar a criança?

— Droga... — resmunguei, atrás do volante, ao ver a cena.

Mãe desnaturada. Tem gente que não nasceu pra ter filhos.

Elas viviam num casarão vitoriano cinza, de alvenaria, a menos de dois quilômetros da minha modesta casinha. *Que coincidência!* Pensei nas datas e refiz as contas de cabeça. Dois anos, dois meses, seis dias. Será que essa criança poderia ser ela? No fundo eu sentia que sim, mas havia sempre aquela dúvida recorrente. Consultei uma médium logo depois que todas aquelas coisas horríveis aconteceram. Ela me disse que um dia eu toparia com a alma da minha filha e que eu saberia que era ela. Eu imaginara isso tantas vezes, ao ver uma adolescente, uma adulta; cheguei até a crer que poderia ser a enfermeira cuidando de mim na velhice, no meu leito de morte no hospital.

Apanhei um pacote de biscoitos na bolsa e passei a comer compulsivamente.

Estava quase cochilando quando um sedã dourado estacionou na entrada da casa pontualmente às 18h15. Ninguém suspeita de sedãs dourados, pois só gente sem graça dirige um. Gente que, pra começar, não tem lá muita personalidade pra escolher um carro, digamos... vermelho ou branco. Eles são os neutros da sociedade. Os apagados.

Larguei o saco de bolachas no banco ao lado, sentei direito e limpei os faros do queixo. Um homem desceu do veículo. Escurecia, então espremi os olhos tentando enxergar a cor do cabelo dele. Estava escuro demais pra distinguir. Mais um exemplo de como o horário de verão consegue arruinar vidas.

Cogitei descer do automóvel. Eu poderia fingir estar fazendo uma caminhada ou, quem sabe, parar na frente da garagem dele e pedir alguma informação. Que nada, não podia arriscar ser vista. Ele segurava uma valise, que balançava pra lá e pra cá à medida que andava. Ele estava assobiando? Tudo denotava alegria, os ombros, os lábios, o jeito de andar. Nada no comportamento dele era real. Tive vontade de ir até lá e avisá-lo de que um dia arrancariam tudo aquilo dele. A vida é assim.

Quando o homem chegou à varanda, uma luz se acendeu, aí eu me inclinei pra frente. O cabelo dele era castanho! Ele provavelmente já tinha costeletas grisalhas. Mas de onde eu me encontrava só dava pra ver a cabeleira castanha sob a luz amarela da varanda.

Eu me recostei, sem respirar, acertara. Cobri os olhos com as pontas dos dedos e desatei a chorar. As lágrimas de tristeza rolaram pelo meu rosto e molharam meu suéter. Eu chorava pela minha perda, pelo que eu não tive chance de experimentar.

Deslizei os dedos pra secar as lágrimas. Vi a porta se abrir e a mulher enlaçá-lo pelo pescoço. Eles eram o retrato de uma família perfeita e a felicidade caíra do céu na bela casa deles. Eu podia jurar que ela não fazia jus a essa felicidade.

Mãe desnaturada.

EM PONTO

— NÃO SE PODE DIZER QUE EU ESTEJA PROPRIAMENTE OBCECADA POR ELES.

— Não?

— Não. — Ora, por que minha voz soou desse jeito? Toquei o pescoço e pigarreei antes de falar. — Hãhã... Claro que estou interessada neles. Sinto que temos uma ligação. Mas não sou nenhuma maluca. — Por que eu vivia insistindo em afirmar para os outros que eu não era louca? Talvez porque eles parecessem normais demais, sem graça demais?

— Fig... — Minha terapeuta sentou-se na ponta da cadeira, a luz rebatendo na armação vermelha dos seus óculos.

Desviei o olhar para os sapatos dela, vermelhos também. Ela parecia uma bonequinha com tudo combinando. Pelo visto, alguém não estava nem aí pra personalidade. Dei uma batidinha no meu relógio de ouro *rosé* e contornei com o dedo meus brincos de argola prateados. Quem sabe ela notasse, aquilo poderia lhe servir de inspiração. A vida se resume a isso. Fazer com que os outros desejem ser você.

— Você seguiu a mãe e a filha desde o parque até em casa, certo?

Ela estava distorcendo minhas palavras, tentando me fazer soar como louca. Fazer terapia oferece esse risco.

— Eu seguia em direção ao meu bairro — expliquei —, passando pelo parque. Elas moram bem perto.

Achei que a resposta a convenceria, mas ela me olhou como se lesse a minha alma.

— E você não as seguiu até em casa e não passou horas estacionada na rua esperando pra conferir a cor do cabelo do pai dela?

— Sim, fiquei lá parada — admiti —, já te contei essa parte. Eu estava curiosa.

Ela se recostou na cadeira e fez uma anotação no bloquinho. Estiquei o pescoço, mas minha terapeuta era mestra em manter a discrição. Talvez ela fosse uma psicopata. Escrever coisas que eu não consigo ler é um joguinho de poder, não?

— E com que frequência você tem feito isso, desde a primeira vez?

De repente, senti uma sede absurda, minha língua grudava no céu da boca. Olhei ao redor à procura de água. Vinha uma brisa morna da saída de ar no teto. Tirei meu suéter novinho e umedeci os lábios.

— Algumas vezes — respondi casualmente. — Você tem água aqui?

Ela apontou para um frigobar no canto da sala. Eu me levantei e fui até lá. Havia um estoque de garrafinhas, fileiras e fileiras delas. Peguei uma do fundo, a mais gelada de todas, e tornei a me sentar. Ocupei-me de abrir o lacre e beber a água toda, sem pressa, ganhando tempo. A qualquer instante ela avisaria que nossa sessão terminara e eu só teria de enfrentar sua próxima pergunta na semana seguinte. Porém, ela não encerrava a consulta e eu comecei a suar.

— Por que você se sente ligada a essa mãe e a essa filha em particular?

Com essa ela me pegou desprevenida. Fiquei pensativa, deslizando a unha do dedão no pulso, de leve, pra relaxar.

— Nem imagino. Nem pensei nisso. Talvez seja porque a garotinha tem a idade que a minha filha teria.

Ela assentiu com a cabeça, toda compreensiva, e eu me aninhei nas almofadas.

— E talvez porque a mulher...

— Você quer dizer a mãe dela.

Eu lhe lancei um olhar de reprovação.

— A *mulher* — enfatizei bem — não parece uma mãe normal. Ela é uma antítese de mãe.

— E isso te chateia ou te atrai?

— Nem imagino — repeti. — Talvez as duas coisas.

— Fale-me sobre a mãe. — Ela se acomodou na cadeira e eu comecei a puxar a cutícula.

— Ela usa coisas que chamam a atenção das outras mães, sabe? Tipo calça de couro, camiseta do Nirvana com blazer, um montão de pulseiras juntas como eu nunca vi. Uma vez ela estava de chapéu de feltro preto e camiseta cinza transparente; a única coisa entre o resto do mundo e os mamilos dela era uma mecha de cabelo.

— E como as outras mães no parquinho reagem a ela? Você já reparou?

Claro que reparara, foi justamente o que me fez notá-la. Vi como elas a olhavam e fiquei interessada.

— Ela não faz questão de conversar com as outras mães. Está claro que não gostam dela por isso. Ela as esnobou antes que elas tivessem chance de esnobá-la. Acho brilhante, aliás. Elas são como uma matilha e a veem com um misto de curiosidade e pura contrariedade.

— Você admira isso nela?

Refleti um pouco.

— Sim, gosto do fato de ela não se importar. Sempre quis aprender a não dar a mínima.

— É bom não se perder de vista, Fig. Saber como você funciona.

— Então, por que acha que eu as sigo? — perguntei num momento de abertura.

— Nosso tempo acabou. Vejo você na próxima semana. — Ela sorriu.

Já era tarde da noite quando fui de carro até a casa da Mãe Desnaturada e estacionei a um quarteirão de distância. Pensei em não ir, mas eu não iria me deixar abater por uma mera psiquiatra.

Fazia frio. Peguei meu blusão no banco traseiro e o vesti tomando o cuidado de colocar o cabelo todo pra dentro do capuz. Não que eu temesse ser flagrada nem nada, mas o meu tom de loiro chama muita atenção. Essa parte da cidade era habitada em sua maioria por famílias jovens, que iam pra cama pontualmente às 21h30, mas todo o cuidado era pouco. Resolvi que meu álibi seria fazer *jogging* tarde da noite. Algo bem inocente. Caso alguém espiasse pela janela, veria uma mulher de agasalho tentando cuidar do corpo.

Abaixei-me pra verificar o cadarço do meu tênis novinho. Eu o comprei pela internet especialmente pra isso. Vi a Mãe Desnaturada usando um igual no parquinho: era branco brilhante com detalhes de oncinha. Na hora eu quis um igual. Imaginei que nos cruzaríamos no mercado, ou no posto de gasolina, lado a lado mexendo na bomba, e ela comentaria: “Olha, tenho um tênis

igualzinho! Não é incrível?”. Aprendi essa técnica com a minha mãe, que costumava fazer isso com os homens, depois que meu pai a deixou. Ela dizia: “Você faz de conta que gosta do que eles gostam, pra ter algo em comum. Pode ser até que você passe a gostar de fato; daí, o sucesso é completo.”

Eu estava a uns poucos metros agora.

Dei uma olhada rápida ao redor da ruazinha com suas caixas de correio pintadas à mão e floreiras exuberantes. Nem uma viva alma à vista. A maioria das janelas das casas mostrava luzes apagadas. Fiquei correndo parada no lugar por alguns segundos e então abri a portinhola da caixa. Dentro, três correspondências e, sobre elas, uma caixinha marrom. Peguei tudo e enfiei nos bolsos amplos do agasalho, atenta, espiando ao redor. O tênis apertava meus dedos e tudo o que eu mais queria era me aninhar no meu sofá com a correspondência da Mãe Desnaturada e uma xícara de chá. Talvez eu até comesse um biscoito amanteigado com o chá, daqueles escoceses que vêm numa lata xadrez com um terrier preto estampado.

A primeira coisa que fiz ao entrar em casa foi me despir, calça é coisa de perdedores. E, afinal, ela me apertava a cintura, acentuando o meu pneuzinho no cóis — uma sensação nada agradável. Levei a correspondência da Mãe Desnaturada até a mesa de jantar e deixei lá, sem olhar. *Paciência*, disse a mim mesma. As coisas importantes requerem paciência. Preparei um chá e acrescentei o leite delicadamente, no ponto exato. Peguei a lata de biscoitos amanteigados e a xícara de chá e fui até a mesa de madeira — uma relíquia que eu restaurara e pintara sozinha —, e me acomodei em uma das cadeiras amarelas. Arrumei todos os envelopes com a frente pra baixo e o pacote por último. *Respire fundo, isso...* Desvirei a primeira. Ela se chamava Jolene Avery.

— Jolene Avery — pronunciei em voz alta. E pra não me deixar afetar pelo nome bonito, completei: — Mãe Desnaturada.

Abri o envelope com a unha e puxei a folha branca solitária de seu interior. Uma fatura médica... que sem graça. Passei os olhos pela sucessão de palavras. Ela havia feito um exame de sangue duas semanas antes. Prestei atenção aos termos médicos buscando detalhes, mas aquilo era tudo. Laboratório. Mas por qual motivo? Uma gravidez? Um exame de rotina? Eu estava bem familiarizada com problemas de saúde. No último ano, fui hospitalizada duas vezes com a pressão nas alturas e tive de fazer uma porção de testes quando detectaram algumas manchas no meu

cérebro. Culpei o George e todo o mal que ele me causou. Eu era perfeitamente saudável até descobrir o canalha que ele era.

Coloquei o recibo de lado e desvirei o envelope seguinte. Estava endereçado ao marido dela, Darius Avery. Era uma cotação de seguro, propaganda. Darius e Jolene Avery. Mordi um biscoito. A terceira carta era um convite de aniversário. Balões vermelhos e laranja espalhados pelo cartão todo. “Você está convidado!”, vinha escrito em letras grandes.

Festa de 3 anos da Giana!

Onde: Queen Anne Park

Pavilhão 7

14h em ponto

RSVP Celular da Tiana

Fiquei pensando: que tipo de mulher escreve “em ponto” no convite de aniversário da filha? Só pode ser alguém com TOC. O tipo de pessoa que espia pela janela à noite pra verificar se os vizinhos não colocaram o latão de lixo muito perto do gramado dela. Gente pequena, patética. Afinal, quem não sabe que pais de filhos pequenos costumam se atrasar? É uma forma de desmoralizá-los, lembrá-los de suas falhas por meio de um convite de aniversário.

Coloquei o convitinho da Giana de lado e puxei o pacotinho pra perto. O que poderia estar numa caixa tão pequena? O cabeçalho era quase ilegível. Letras espremidas, rabiscadas, em tinta azul. Estava endereçada a Jolene Wyatt — devia ser o nome de solteira dela.

Cortei a fita adesiva com uma tesoura, cantarolando sozinha. Abri a caixa e a inclinei, deixando o conteúdo deslizar. Uma caixinha de veludo azul caiu na palma da minha mão — uma típica embalagem de joias. Havia uma nota fiscal dobrada por cima; deixei-a de lado e tirei a tampa. Logo de saída fiquei decepcionada. Era uma conta de lápis-lazúli presa a um cordão de linha vermelho. Tirei da embalagem e segurei contra a luz. Nada de mais — ou, como diria a minha mãe, nada que valesse a pena escrever pra contar.

Talvez a Mãe Desnaturada fosse uma dessas pessoas prendadas que fazem pulseiras e tal. Era de uma joalheria do site do Etsy. Memorizei bem pra pesquisar sobre ela mais tarde. Ter uma filha não bastava pra ela, a Jolene precisava de atividades extras pra tornar a reviver seu lado vadia que pula de bar em bar, fazedora de colares.

Coloquei a conta de volta na caixa e guardei tudo em uma gaveta, pois, pelo visto, vinha uma crise de enxaqueca por aí. Eu não iria mais pensar naquilo, na ingratidão das pessoas. Aquilo estava me fazendo mal. Ela não merecia aquela filhinha.

Eu me acomodei no sofá e coloquei uma toalhinha gelada sobre os olhos. Caí no sono ali mesmo.

A CASA AO LADO

TODO O MUNDO VIVIA ME PERGUNTANDO: “FIG, POR QUE você não tem filhos? Você é tão boa com crianças...” Que resposta eu poderia dar? Quase tive uma, certa vez. Mas meu marido me deixou na mão, sabe? E eu perdi o bebê — era uma menina.

A minha bebê.

Esperiei tanto por ela, fiz diversos tratamentos de fertilidade que esvaziaram a nossa conta corrente e resultaram em um útero vazio. Eu já perdera a esperança, mas daí a menstruação falhou no primeiro mês... e no segundo... o teste de gravidez. Porém, estava tudo perdido quando veio a confirmação naquele dia triste no consultório. O obstetra me entregou um maço de lençinhos de papel depois de me contar sobre o resultado do exame de sangue e eu solucei... como um... como um bebê.

Ela não era maior que uma tangerina. Eu vinha acompanhando o seu crescimento através de um aplicativo no celular, checava diariamente como o corpinho dela se transformava. Mandei todas as capturas de tela pro George, que me respondia com emojis. Ela passou do tamanho de um girino a uma pessoinha transparente com dedos nos pés e nas mãos. E então ela virou nada. Minha garotinha abençoada se foi. Meu corpo a expeliu em partes. Uma violência que nenhuma mulher deveria vivenciar.

O George estava ausente, lógico, trabalhando. Fui dirigindo até o hospital e fiquei lá sentada sozinha, enquanto o médico me explicava que eu estava sofrendo um aborto. O George não chorou quando soube. Ficou pálido como se tivesse visto um fantasma e apenas perguntou ao médico em quanto

tempo poderíamos tentar de novo. Ele queria apagá-la e tentar outro. O George, o cara que me fazia tirar a casca de pão do queijo quente dele e soprar a sua sopa pra ele não queimar a boca, não chorou como o bebezão que era. Eu me tornei amarga, cheia de rancor. Atribuí o aborto à negligência dele comigo. Boa sorte pro George e seu coração gelado. Eu iria deixar de ser a mamãezinha dele e seria mãe de uma menininha de verdade. E eu a reencontrara, não é mesmo? Dos bilhões de pessoas no planeta, lá estava ela, a apenas cinco quarteirões de distância. Parecia bom demais pra ser verdade.

PASSEI A FAZER LONGAS CAMINHADAS, PERCORRENDO TODA A

extensão da rua Cavendish, passando pelo parque com bancos roxos e a loja de frozen yogurt. Que sensação erguer a alavanca e ver o sorvete caindo naquele copo grande de papel! Eu virava à esquerda na altura do Little Caesars, em frente ao qual sempre havia ao menos dois gatos no muro, e parava na cafeteria Tin Pin pra tomar um *cappuccino*. A Tin Pin tem *cappuccinos* ótimos, mas as garotas que trabalham lá levam jeito pra prostitutas. Tento fazer o pedido sem ficar reparando nelas, mas às vezes é inevitável. Não entendo o que todo aquele pink e a pele à mostra têm a ver com café. Cheguei a escrever algumas mensagens que coloquei na caixinha de sugestões na parede: “As garotas deveriam usar roupas menos provocativas.” “Contratem mulheres mais maduras que saibam respeitar o próprio corpo”, escrevi numa outra ocasião. E por fim: “Espero que todas essas vagabundas seminuas queimem no fogo do inferno.” Mas tudo continuou na mesma e as garotas jamais cobriram os seios fartos que saltavam pra fora do sutiã. Nunca tive seios rijos como aqueles, não que eu me lembre.

Havia mesas e cadeiras na calçada e como o tempo estava agradável decidi tomar minha bebida lá fora. Assim, me sentei observando o tráfego e também os gatos, que pouco tinham se movido desde a minha chegada. Daí, quando terminei de beber, segui até a casa deles na rua West Barrett.

Odeio admitir, mas a rua deles era bem melhor que a minha. As árvores eram maiores, as casas mais bem cuidadas. Eram os pequenos detalhes — as venezianas brancas e as tulipas preenchendo as floreiras — que deixavam tudo mais... mais... pessoal. Naquele dia, as flores cor-de-rosa formavam um verdadeiro tapete estendido na rua. Eu podia até mesmo ouvir a menininha toda animada perguntando pra Mãe Desnaturada se podia correr entre elas,

que provavelmente deixaria. “Não ligue para os carros, pode brincar na rua, meu amor.” Cuca fresca, negligente, distraída.

Fiquei uns instantes parada em frente à residência, fazendo de conta que amarrava o cadarço. Por fim, eu me reclinei pra pegar algo na calçada, reclamando do lixo jogado por uma mulher que passava. Ela me olhou como se eu fosse insana e seguiu, com os fones enterrados na orelha, na certa ouvindo alguma bobagem, tipo Justin Bieber. Minha audição se aguçou. Ouvi um barulho que parecia ser de uma criança. Ouvi com atenção. Uma risada vinda lá de dentro ou, quem sabe, um choro. A verdade é que eu ansiava por qualquer traço da vozinha dela, por mínimo que fosse. Mas que nada, apenas carros passando e latidos espaçados. Respirei fundo, desapontada.

Foi então que notei: a casa ao lado da deles estava à venda. No início fiquei surpresa, mas depois me deu um estalo. Seria possível? Todas as peças estavam se encaixando. Eu precisava de algo novo na minha vida, não é mesmo? Eu merecia. Com todas aquelas lembranças tristes me assombrando feito fantasma... Não precisava ser assim, certo? Eu podia me mudar pra aquela casinha charmosa com venezianas bege e uma oliveira na frente. Construir momentos agradáveis e me tornar vizinha da minha menininha. Quem sabe o que o futuro reservava? Quem sabe...

MENSTRUAL

CONTEI PRA MINHA TERAPEUTA SOBRE O PLANO DE COMPRAR
a casa nova.

— Não acho uma boa ideia, Fig. Você vai comprar um imóvel pra ficar mais perto de uma criança que acredita ser a reencarnação da bebê que você perdeu.

A doutora Matthews era meio imatura — jovem demais pra saber ao certo o que fazer. E em grande parte era o que me atraía nela. Ela não me julgava tanto quanto alguém com, digamos, duas décadas na profissão. Estávamos aprendendo tudo juntas. E, pensando no assunto, ela deveria agradecer o fato de ter alguém como eu pra estudar e se aprimorar.

— Ah, imagina — eu disse sorrindo. — Não sou louca a esse ponto. Vender a minha casa e mudar por causa de outra pessoa seria insensato. É só uma coincidência, eu gostei de fato daquele lugar.

A doutora Matthews ficou me olhando e batendo com a caneta no bloquinho amarelo que segurava. Que significado teriam essas batidinhas? Será que ela estava frustrada comigo? Facilitava o raciocínio dela? Ou estaria imitando um metrônomo, tentando dar ritmo aos meus pensamentos? Cada batida deixava um pontinho no papel, criando traços desfigurados de azul. Que tipo de profissional usava tinta azul, afinal? Ela dava a impressão de ter tocado na fanfarra do colégio, com aquela sua palidez, seus óculos e cabelo castanho opaco. Nesse dia ela usava um casaquinho amarelo combinando com sapatos do mesmo tom. Aposto que a doutora tocava trombone, o que lhe rendeu a cabeça grande.

— Você tem um histórico de se fixar nas coisas a ponto de se tornar obcecada, Fig.

Não gostei do tom que ela usou.

— Ah, é? Como o quê?

— Por que não responde você mesma? — ela sugeriu.

Reparei no modo como seu jeans estava esgrouvinhado no tornozelo, logo acima da sapatilha. Sim, sem dúvida a doutora participava da fanfarraria. Fazia eu me lembrar da personagem principal de *Nunca fui beijada*.

— Bem... — comentei timidamente. — Eu fiquei um tanto obcecada pela casa por um tempo. Os projetos, pequenas obras que eu mesma realizaria...

— E o que mais? — ela quis saber.

Não consegui pensar em nada. A doutora Matthews estreitou os olhos já bem pequenos e me lançou um olhar desconfiado. Me encolhi na cadeira. Os olhos dela desapareciam, quando ela fazia daquele jeito. Ela se transformava na mulher sem olhos.

— Você tem um histórico de obsessão sobre a opinião das pessoas a seu respeito, Fig.

Ah, isso, pensei.

— É o que você acha? Isso me chateia tanto... —brinquei, mas ela não compreende bem a minha tentativa de fazer graça sempre que me sinto desconfortável. Acho que preciso procurar uma terapeuta com algum senso de humor.

— Você imagina por que se importa tanto com a opinião dos outros? — Ela não deu bola pro meu exame de consciência e foi logo na jugular.

Fiquei abalada. Não confio em quem não ri das minhas piadas. Eu fui engraçada. Isso era natural pra mim.

— Não sei... problemas com meu pai? — Espremi as pernas. Fiz de conta que estava apertando uma bola contra o estresse... só que doeu.

— Você tem um transtorno de personalidade paranoide, Fig.

Estremeci toda, horrorizada.

— O que isso quer dizer?!

— Nosso tempo acabou — a doutora Matthews disse. — Vamos explorar melhor isso na semana que vem.

Ambas nos levantamos, eu em estado de choque e ela pronta pra ir almoçar. Quanta crueldade dizer a alguém que está ferrado e deixá-lo no vazio tentando digerir aquilo por uma semana.

A primeira coisa que fiz ao chegar em casa foi pesquisar no Google sobre transtorno de personalidade paranoide. Se a doutora Matthews decidira me diagnosticar e então esperar uma semana pra discutir o caso, eu teria de buscar a ajuda de São Google.

“Indivíduos com esse transtorno em geral são rígidas e muitas críticas para com os outros, embora tenham muita dificuldade em aceitar críticas.” Este foi o primeiro trecho do texto que eu estava lendo que me chamou a atenção. Roí a cutícula e pensei no jeans engrouvinhado da doutora Matthews. Daí terminei de ler o restante:

- São desconfiados crônicos, sempre à espera de que o outros irão molestá-los, enganá-los, conspirar contra eles ou traí-los.
- Culpam os outros por seus problemas com outras pessoas e outras circunstâncias e atribuem suas dificuldades a fatores externos. Em vez de reconhecer a própria atuação nos conflitos interpessoais, eles tendem a se sentir incompreendidos, maltratados ou vitimados.
- São hostis e com tendência a sofrer ataques de fúria.
- Enxergam seus próprios impulsos de não aceitação em outras pessoas em vez de em si mesmos e portanto estão inclinados a atribuir injustamente a hostilidade aos outros.
- São controladores, divergentes, do contra, ou sempre prontos a discordar e a guardar ofensas.
- Despertam desaprovação ou animosidade e não têm amizades próximas nem relacionamentos.
- Apresentam distúrbios de raciocínio, além de pensamentos paranoicos. Suas percepções e julgamentos por vezes são estranhos e idiossincráticos e se tornam facilmente irracionais em situações que despertam emoções fortes, ao ponto de parecerem delirantes.

Quando terminei de ler o artigo, respirei aliviada. Nada daquilo se aplicava a mim. A doutora Matthews estava totalmente equivocada. *Ela* era tudo aquilo e muito provavelmente estava tentando atribuir a mim a

própria psicose. Talvez eu devesse alertá-la disso e quem sabe até ela venha me agradecer.

Resolvi que não a veria mais e cancelei minha sessão da semana seguinte — deixei uma mensagem com a secretária dela dizendo que iria a um casamento. Só depois que desliguei que me ocorreu que meu horário era numa quarta-feira e que ninguém se casa no meio da semana. Lésbicas, quem sabe... Se me questionassem, eu diria que era um casamento lésbico. Liguei pra minha corretora de imóveis e disse a ela pra fazer uma proposta pela casa. Eu não dependia da aprovação de ninguém pra tocar a minha vida.

TOURO

ASTROLOGIA É UMA BOBAGEIRA DESLAVADA. AS ESTRELAS são gigantescas bolas flamejantes de gás flutuando no vácuo. Elas não se importam com a gente, nem com futuros maridos ou o emprego ideal, nem se enxergamos o mundo em branco e preto e quase não temos uso pro cinza (Escorpião). Elas com certeza não ligam, taurinos, se vocês tendem ao conservadorismo ou se vocês são persistentes ou determinados. Se nos encaixamos numa dessas definições, a culpa é nossa, não da galáxia. Eu sou taurina e não preciso da ajuda das estrelas pra saber como sou.

Não tenho personalidade de seguidora, mas também não sou corajosa o suficiente pra liderar. Não encaro isso como uma falha; na verdade é uma qualidade. Os líderes se queimam por suas opiniões firmes. Eu conservo as minhas sem a bravata pretensiosa. Como toda vez em que um tema no Facebook gera controvérsia e eu repasso a opinião de alguém sem ter de emitir uma única palavra. Sigo o líder de uma forma que os fortalece e os encoraja sem abrir mão da minha independência. Por exemplo, quando alguém diz “Não concordo com seu status”, posso dizer “Bem, sim, mas veja que não fui eu que redigi o artigo e há alguns pontos *bem* válidos”. Então quando a pessoa indica que concorda, eu me safo.

De presente de aniversário, pedi galochas. Na verdade, não pedi, eu simplesmente as marquei no meu mural de moda do Pinterest — são da marca Nightfall Wellingtons. A Mãe Desnaturada tem um par em preto com detalhes em branco, então escolhi a branca com detalhes em preto, pra não ficar igual. Verdade seja dita: moro em Seattle. Já tenho um par de galochas.

Daquelas baratinhas, da loja de departamentos, com estampa floral. O modelo de designer é pouco prático, o que definitivamente não é uma característica do taurino (que bobageira deslavada). Eu as desejava e estava aprendendo a aceitar os desejos como naturais. Minha mãe, imagine só, providenciou as galochas, uma verdadeira surpresa considerando que costumam os olhos da cara e minha mãe é mão de vaca do tipo que quer rachar a gasolina quando oferece carona. Isso é o que anos de abandono dos filhos podem custar— galochas caras de marca pra amenizar a culpa. Mas que se dane, ficaram lindas em mim. Meu horóscopo provavelmente dizia: “Você vai receber um presente caro e inesperado de um ente querido!”

Bem no dia do meu aniversário, quando a minha corretora de imóveis ligou, eu estava usando as minhas galochas novas.

— Marcamos a data pra fechar o contrato! — ela anunciou toda esfuziante.

Era costume dela falar gritando o tempo todo. “Esta casa é tão linda, tem tanto potencial! Ah, meu Deus, olha só o revestimento sobre a pia!”

— Jura mesmo? Comigo nunca acontece nada de bom.

— Bem, sua sorte parece estar mudando, minha cara — ela acrescentou, animada.

Num primeiro momento, fiquei sem ar e tentei chorar, pois parecia a coisa certa a fazer. Mas consegui apenas fazer runs ruídos com a garganta e um “Sniff!”.

— Está resfriada? — ela quis saber num tom bem agudo. — Beba um chá quente com mel! É ótimo pra acabar com o catarro!

Agradei e desliguei. Que narcisista. Ainda assim, enviei-lhe uma cesta de frutas, pra agradecer por seus esforços. Tenho consideração pelas pessoas, mesmo as chatas.

— Ficou feliz? — minha mãe perguntou quando liguei pra contar a novidade.

— Sim. A menos que aconteça alguma merda até lá... como é de praxe comigo. Você me ajuda com a mudança?

— Preciso ver com o Richard, mas acho que sim.

Richard, o novo namorado dela. Eu o apelidei de Dick Vigarista, pois é o que ele era.

— O Richard também pode vir, mãe. Músculos nunca são demais.

Eu estava embalando as coisas do armário do banheiro. Fui colocando todos os frascos em uma caixa de sapatos. Peguei um vidro do tempo em que fiz de conta que sofria de câncer e chacoalhei bem diante dos meus olhos. Sempre me agradou a ideia de estar condenada. Além do mais, estar morrendo cria uma perspectiva, um objetivo. As pessoas dizem que você é forte e acreditam nisso, como se tivesse sido minha escolha desenvolver um câncer que na verdade eu nem tinha.

Minha mãe ficou em silêncio por um tempo.

— Ah, ele não é muito dado a esse tipo de coisa...

O tipo de coisa é o fato de a namorada ter filhos?

— Tudo bem, mãe. De qualquer modo, prefiro ter você só pra mim por alguns dias — inventei.

— Eu me encarrego da limpeza — ela disse, animada. — Você sabe como sou exigente.

Ah, sim, eu sabia.

— Preciso desligar, mãe. Está entrando uma ligação da Tina.

— Ah, que bom. Dá um oi pra...

Desliguei antes que ela terminasse. A Tina era minha amiga. Minha amiga imaginária. Eu a inventei pra me livrar de telefonemas e compromissos familiares. Ela era missionária no Haiti, portanto, passava a maior parte do tempo fora do país. Por isso mesmo, quando ela me ligava ou vinha me fazer uma visita surpresa, eu era obrigada a deixar o resto de lado pra estar com ela. Adoro a Tina. Não ligo muito pra religião, mas a devoção dela é admirável. Além disso, ela é do tipo de amiga que sempre se faz presente quando precisamos dela.

— Oi, Tina — falei, colocando o telefone no balcão. — Que bom receber sua ligação.

Levei a caixa com remédios até a sala e observei as paredes bege ao meu redor. Tchau, lugar, tchau, esta vida, já vão tarde. Em algum lugar lá no alto, no vácuo das estrelas, algo conspira: "Taurino, tudo está prestes a sofrer uma reviravolta pra melhor."

JARDIM DA MERCY

DECIDI DAR UMA OLHADA NO JARDIM. MINHA CORRETORA DE imóveis alardeara algo sobre ter um ótimo potencial, o que em outras palavras significa que estava uma porcaria e me custaria alguns milhares de dólares pra dar um jeito. Uma vez me disseram que eu tinha um grande potencial e, no final, precisei de uns trinta mil dólares pra pagar a cirurgia pra levantar os seios até a posição correta.

No jardim, não pude identificar nem um canteiro definido sequer; as plantas tinham crescido muito e estavam desordenadas. A grama se achava repleta de trevos, toda cheia de falhas e manchada, como se um cachorro tivesse feito xixi e deixado um rastro pelo caminho. A macieira retorcida precisava de uma bela poda. O único ponto positivo do jardim era um gazebo que ficava no fundo do gramado. A tinta estava judiada e o que restava de uma trepadeira de rosas quase morta eram galhos secos grudados na treliça. Quem sabe ela podia voltar a ser bonita e viçosa... Como eu.

O George saberia como fazer. Ele gostava de jardinagem. Talvez eu contratasse alguém, assim ficaria tudo pronto logo e eu não precisaria fazer aos poucos e ficar esperando. Alguém que pudesse se comprometer a vir regularmente e cuidar da manutenção. Resolvi que pediria indicação aos vizinhos. Pedir recomendações às pessoas estimula a camaradagem, mesmo que não precisemos de fato da recomendação. Eu já ia entrar para procurar alguns números de telefone quando ouvi a voz de uma criança no quintal vizinho. Meu coração disparou quando caminhei

até a cerca que divide a casa da Mãe Desnaturada da minha, pra espiar. E lá estava ela — a razão de tudo isto, a minha razão. Ela olhou pra cima instintivamente ao sentir estar sendo observada. Nossos olhares se encontraram e ela não parecia nem alarmada nem com medo. Afinal, por que estaria? Nós éramos conhecidas. Eu fiz um hum-hum, para limpar a garganta e disse:

— Oi, eu me chamo Fig. Qual é o seu nome?

Ela vestia um tutu cor-de-rosa e uma camiseta que dizia “Princesa do papai”, em letras prateadas. Quando comecei a falar, ela parou o que fazia pra me dar atenção total.

— Fig — ela pronunciou com a voz doce e deu uma risadinha.

Não me contive e sorri.

— Sim, Fig, esse é o meu nome — repeti apontando na minha direção. — Qual é o seu? — E apontei na direção dela.

Eu estava inclinada sobre a cerca pra vê-la; um pouco mais e eu tombaria. Ela olhou por sobre o ombro, provavelmente em busca da Mãe Desnaturada. Sim, afinal, onde ela estaria? Deixar essa pequenininha sozinha no jardim... Imagine se ela saísse sozinha... ou fosse levada!

— Cadê a sua mãe des...? — perguntei.

Ela indicou a porta dos fundos. Eu estava ouvindo o barulho de louça batendo, vindo da janela da cozinha. Tocava uma música estilo folk e a mulher cantarolava junto.

— Mamãe. — As unhas dela tinham restos de esmalte azul.

Eu queria me esticar e tocar aqueles dedinhos, fazer um carinho. Estava prestes a dizer algo quando ouvi uma voz chamar. Eu logo me endireitei e deixei meu semblante impassível.

— Mercy... Mercy Moon... — A Mãe Desnaturada saiu pela porta dos fundos secando as mãos num pano de prato xadrez, estava de avental e com o cabelo preso num coque preto gigante no alto da cabeça. — Mercy, com quem você está falando?

Pisquei. Aquele era o nome dela? Eles a batizaram de Mercy Moon? Abri um sorriso caloroso. A Mãe Desnaturada veio rápido em nossa direção, as mãos por sobre os olhos pra protegê-los do sol.

— Olá — cumprimentei. — Eu me chamo Fig. Acabo de me mudar. E peço desculpas, não era minha intenção assustar sua filhinha. Imagino que ela não deva falar com estranhos.

A Mãe Desnaturada sorriu pra mim. Dentes branquíssimos pra fazer par com sua regata.

— Olá. É um prazer conhecê-la. Meu nome é Jolene e esta é a Mercy.

A menina, que já havia perdido o interesse na nova conhecida, estava agachada no gramado, cutucando um inseto com um pauzinho.

— Não machuque o bichinho, Mercy, ele é um ser vivo.

— Que idade ela tem? — indaguei.

— Mercy, conte pra senhorita Fig quantos anos você tem — ela estimulou. — Vamos, Mercy...

A menina jogou o pauzinho e ergueu dois dedos gordinhos.

— Eu podia ter uma assim. Ela teria feito dois anos em janeiro passado — revelei, olhando pra Mercy.

A Jolene fez a cara que todo o mundo faz quando conto que perdi um bebê — uma mistura de solidariedade com um certo alívio por não ter acontecido com elas. Tipo “Sério? Dane-se”.

— A Mercy fez dois em setembro, não é mesmo, meu amor? — Ela acariciou a cabeça da garotinha. — Fizemos uma festa do pônei.

— Pônei — repetiu a Mercy, desviando o olhar da sua caçada ao inseto.

Senti vontade de aplaudir, maravilhada. Adoro cavalos. Quando criança também tive uma festa do pônei e vesti uma roupa de cowgirl.

Olhei pra Mercy. Que coisinha mais linda. A imagem em miniatura da benevolência. Um serzinho incrível que veio ao mundo e que nenhum de nós, ninguém, merecia.

— Eu gosto de pôneis. — E então, virando pra Mãe Desnaturada, perguntei: — Seu sobrenome é Moon?

Ela balançou a cabeça, com um sorrisinho.

— Não, este é o segundo nome dela. Nosso sobrenome é Avery.

— O meu é Coxbury. — Usar meu nome de solteira foi tão prazeroso que cheguei a estremecer ao pronunciá-lo.

“Fig Coxbury” soou como uma dancinha de celebração.

— Venha tomar um café comigo, Fig. Acabei de tirar um bolo do forno. Preciso avisar que sou craque em preparar massas com misturas instantâneas, mas não foi o caso desta vez.

A Jolene pegou a Mercy pelos ombros e começou a guiá-la, coisa de mãe, e sorriu pra mim. Era um sorriso sincero, mas eu não gostei do jeito como ela segurava a Mercy.

— Eu vou adorar. Só preciso entrar um instante pra apagar as luzes. — Fiz sinal pra minha casa. — Ainda estou desabalando tudo, então será um momento de distração, pra descansar um pouco.

— Tem um portão ali. — A Jolene indicou para uns arbustos adiante à minha esquerda. — Está escondido nas plantas, não dá pra ver bem, você precisa afastar os galhos um pouquinho pra destravar e conseguir entrar. Dê um bom tranco. A sua casa e a minha pertenceram a mãe e filha há alguns anos. Elas instalaram o portão pra que os netos pudessem passar sem ter de dar a volta pela frente.

Nossa, que conveniente! E vai continuar a ser.

— Mas, se preferir, entre pela porta da frente...

— Não, está ótimo — respondi, toda gentil. — Vou num instante. Só preciso me refrescar um pouco.

Observei as duas entrarem, a Mercy segurando na mão da Jolene. Será que a mãe estava apertando aquela mãozinha? Será que a Mercy gostaria que fosse a minha mão?

Entrei depressa em casa e fui procurar meu cardigã verde e minha escova de cabelos. Jamais faria uma visita sem estar bem-arrumada. Criança gosta de cores vibrantes, não é mesmo? Me examinei bem no espelho. Eu engordara desde que os problemas haviam começado. Estava com a cintura mais rechonchuda e o rosto, que normalmente era afinado e comprido, estava redondo. Em seguida toquei o cabelo e reparei nas raízes grisalhas. Quando eu era pequena, ele era da cor do cabelo da Mercy. Por volta dos vinte anos, passou de loiro claríssimo pra um tom mais escurecido. E eu podia fazer o que fosse que ele não crescia. Nunca passava do queixo.

Franzi a testa ao pensar no cabelo preto e farto da Jolene. Na certa era alongamento. Estava decidido, eu iria tingir no dia seguinte. Fazer coloração e cortar, cuidar um pouco de mim. A Mercy vai gostar de ver nossos cabelos iguais. Antes de sair de casa, liguei pro salão e marquei um horário pro dia seguinte.

— Só umas luzes — expliquei ofegante à recepcionista ao telefone —, para ficar igual à cor do cabelo da minha filha.

Tranquei a porta e fui pelo cimentado até a casa dos Avery calçando a minha melhor sapatilha, e com o chaveiro pendurado no dedo, sentindo-me

leve como havia meses não acontecia. Era como se o universo estivesse desabrochando como uma flor e me recompensando por todo o sofrimento que eu enfrentara. Minha vez chegara, enfim, e eu não deixaria nada me deter. Nem o George e, principalmente, nem eu mesma.